

RISCOS DO CONSUMO IRRACIONAL DE FITOTERÁPICOS: uma revisão integrativa*RISKS OF IRRATIONAL CONSUMPTION OF HERBAL MEDICINE: an integrative review***Edmeia Moreira Gonçalves Fragoso¹, Ivone da Silva Leite Honório¹, Maria Vitória Barbosa Marcondes da Conceição¹, Matheus Diniz Gonçalves Coêlho^{2*}**¹Discente do curso de Farmácia - Centro Universitário FUNVIC, Pindamonhangaba, SP²Doutor, Docente do curso de Farmácia - Centro Universitário FUNVIC, Pindamonhangaba, SP

* Correspondência: profmatheuscoelho@gmail.com

RECEBIMENTO: 01/09/2025 - ACEITE: 06/10/2025

Resumo

O uso de plantas medicinais é uma tradição milenar que se aprofunda cientificamente na fitoterapia, trazendo inúmeros benefícios para os pacientes quando há indicação e utilização corretas. Este estudo teve por objetivo realizar uma revisão da literatura sobre os riscos do consumo irracional de fitoterápicos, com foco na análise das principais interações medicamentosas, efeitos adversos e desafios regulatórios que afetam a segurança desses produtos. Realizou-se uma revisão integrativa, utilizando as bases de dados PubMed, LILACS e Google Scholar, incluindo-se na pesquisa artigos publicados entre 2020 e 2025, nos idiomas português e inglês, disponíveis na íntegra. Os resultados demonstram que grande parte dos pacientes faz uso dos fitoterápicos em conjunto com outros medicamentos, ou de forma equivocada, por falta de informações coerentes, o que pode causar efeitos adversos, resultando em complicações graves. Ademais, um grande problema que incide sobre a segurança dos fitoterápicos é a falta de regulação adequada e padronização de sua manipulação, que afeta diretamente a ação farmacológica das plantas medicinais. É necessário ressaltar que, para além da deficiência informativa da população, há também a descapacitação dos profissionais de saúde para lidar com a fitoterapia. Concluiu-se que a fitoterapia é uma tradição cultural e que o uso de plantas medicinais se faz presente em praticamente todas as populações, trazendo inúmeros benefícios se utilizada corretamente, entretanto, sugerem-se mais estudos para padronizar melhor os fitoterápicos, visto que seu uso é amplo por pacientes que utilizam concomitantemente drogas sintéticas, prática esta que pode potencializar o risco de causar interações medicamentosas potencialmente prejudiciais.

Palavras-chave: Fitoterapia. Efeitos Colaterais e Reações Adversas Relacionados a Medicamentos. Uso Racional de Medicamentos.

Abstract

The use of medicinal plants is an ancient tradition that scientifically deepens in phytotherapy, bringing numerous benefits to patients when there is correct indication and use. This study aimed to perform a literature review on the risks of irrational consumption of herbal medicines, focusing on the analysis of the main drug interactions, adverse effects and regulatory challenges that affect the safety of these products. An integrative review was made, using the databases PubMed, LILACS and Google Scholar, including articles published between 2020 and 2025, in Portuguese and English languages, available in full. Data show that most patients use herbal medicines in conjunction with other drugs, or mistakenly due to lack of reliable information, which can cause adverse effects, resulting in serious complications. In addition, a major problem that affects the safety of herbal medicines is the lack of adequate regulation and standardization of their manipulation, which directly affects the pharmacological action of medicinal plants. It is necessary to emphasize that, in addition to the informational deficiency of the population, there is also the disqualification of health professionals to deal with phytotherapy. It was concluded that phytotherapy is a cultural tradition and that the use of medicinal plants is present in practically all populations, bringing numerous benefits if used correctly, however, more studies are suggested to better standardize herbal medicines, since its use is widespread by patients who concomitantly use synthetic drugs that can cause potentially harmful drug interactions.

Keywords: Phytotherapy, Drug-Related Side Effects and Adverse Reactions. Drug Utilization.

Introdução

Define-se a fitoterapia como o uso de plantas medicinais em diversas apresentações farmacêuticas, sendo os medicamentos fitoterápicos aqueles que são manipulados a partir de matérias-primas vegetais com comprovada ação farmacológica e conhecida eficácia e riscos através de pesquisas, o que permite reprodutibilidade laboratorial e controle de qualidade.¹

O uso seguro das plantas medicinais no cuidado à saúde é uma preocupação crescente, principalmente para o governo, que busca garantir o acesso e diminuir os riscos à saúde dos usuários.² Em 2006, a fitoterapia foi oficialmente incorporada no Sistema Único de Saúde (SUS) e desde sua implantação, novas diretrizes têm sido desenvolvidas para regulamentar e inserir a utilização de fitoterápicos nas práticas terapêuticas.³ Estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam que aproximadamente 80% da população ao redor do mundo faz uso de plantas medicinais como parte do cuidado primário, reforçando a relevância da fitoterapia no contexto global. Apesar dos potenciais benefícios dos fitoterápicos, o consumo indiscriminado e sem orientação de um profissional qualificado apresenta riscos significativos à saúde.⁴

A utilização correta e segura dos fitoterápicos inclui vários aspectos, como a forma de uso, a parte da planta utilizada, sua correta identificação, administração em diferentes faixas etárias, dosagem, efeitos colaterais e interações com outros medicamentos.⁵ Muitos consumidores partem do princípio de que produtos “naturais” são inerentemente seguros, levando ao uso irracional e, muitas vezes, ao aumento de doses sem considerar os efeitos adversos e as possíveis interações com medicamentos alopáticos. Tal comportamento, motivado pela crença de que os fitoterápicos estão livres de efeitos colaterais graves, contrasta com a realidade documentada em estudos clínicos, que revelam potenciais toxicidades e interações perigosas com medicamentos convencionais. A Erva-de-São-João (*Hypericum perforatum*), por exemplo, é conhecida por sua capacidade de reduzir a eficácia de medicamentos antidepressivos e anticoncepcionais, comprometendo a segurança do paciente.⁶

Outro aspecto crítico que agrava os riscos associados ao uso de fitoterápicos é a falta de regulamentação e controle de qualidade em sua produção e comercialização. Em muitos países, esses produtos são vendidos sem uma avaliação rigorosa de sua composição, segurança e eficácia, resultando em frequentes casos de contaminação e adulteração. A ausência de um controle robusto sobre a qualidade dos fitoterápicos disponíveis no mercado aumenta o risco de toxicidade, especialmente em produtos que podem conter substâncias nocivas, como metais pesados e contaminantes.⁷ Nas últimas três décadas, avanços em técnicas de ensaios biológicos, métodos biotecnológicos, estudos fitoquímicos direcionados, triagem de alto rendimento automatizada e métodos analíticos de ponta têm introduzido novos conceitos e oportunidades para a elaboração racional de medicamentos e sua descoberta.⁸

Diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão da literatura sobre os riscos do consumo irracional de fitoterápicos, com foco na análise das principais

interações medicamentosas, efeitos adversos e desafios regulatórios que afetam a segurança desses produtos. A partir disto, espera-se promover uma discussão sobre a importância da orientação profissional e da regulamentação para a prática segura e eficaz da fitoterapia, contribuindo para a minimização dos riscos à saúde pública associados ao uso inadequado desses produtos.

Método

O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que buscou analisar os riscos do consumo irracional de fitoterápicos, com foco na análise das principais interações medicamentosas, efeitos adversos e desafios regulatórios que afetam a segurança desses produtos. As bases de dados LILACS, PubMed e *Google Scholar* foram consultadas e foram selecionados artigos científicos mais relevantes ao tema entre o período de 2020 a 2025. Incorporou-se ao estudo, artigos do tipo revisão narrativa, sistemática integrativa da literatura e levantamento de campo. A busca foi realizada por meio dos seguintes Descritores em Ciência da Saúde (DeCS): Fitoterapia, Efeitos Colaterais e Reações Adversas Relacionados a Medicamentos, Uso Racional de Medicamentos. Em cada base e banco de dados, as combinações entre as palavras foram conduzidas, utilizando os operadores booleanos (*OR/AND*), sendo aceitos os idiomas português e inglês. Os artigos foram avaliados e selecionados de forma independente por três pesquisadoras, sendo retiradas as duplicatas (aqueles publicados em duas ou mais bases ou banco de dados). A pesquisa pelos artigos relacionados ao tema foi realizada no período de junho de 2025.

A triagem dos artigos nas diferentes bases de dados, foi identificado um total de 440 artigos, dos quais 19 foram elegíveis, com base nos títulos e resumos.

Posteriormente, os artigos foram selecionados após sua leitura completa e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, resultando em um total de doze. Os estudos foram selecionados de acordo com o conteúdo do título e resumo, sendo excluídos os trabalhos que não tinham relação com o tema ou direcionamento da revisão. O processo de busca pela seleção dos artigos pode ser observado no fluxograma, conforme demonstrado na Figura 1.

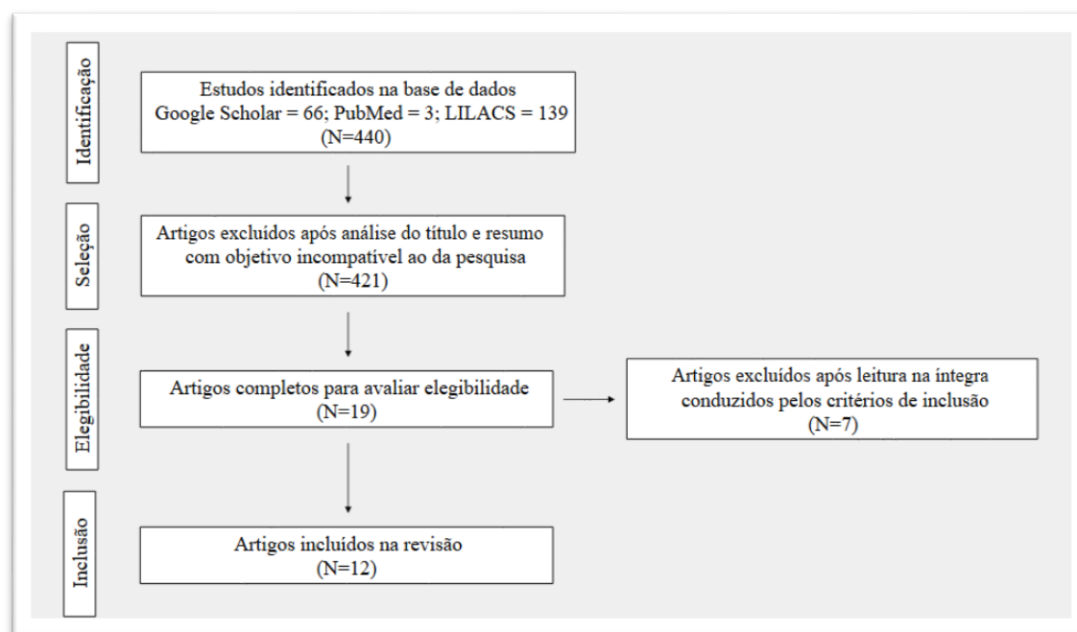


Figura 1: Fluxograma do processo de seleção de artigos para o estudo.

Resultados

Após a busca pelos artigos na íntegra, foram encontrados artigos correspondentes até o ano de 2024. A síntese dos doze artigos elegíveis para a revisão integrativa pode ser observada no quadro 1.

Quadro 1: Síntese dos artigos incluídos na pesquisa, separados por autor, objetivo do estudo, método e conclusão (N=12).

Autor	Objetivo	Método	Conclusão
Monte et al. ⁸	Avaliar a consequência do uso irracional dos medicamentos fitoterápicos.	Revisão de literatura	O uso irracional de drogas é um dos problemas de saúde global mais importante e a situação é pior no domínio dos medicamentos fitoterápicos. As intervenções para combater o uso irracional de medicamentos fitoterápicos e a promoção de uma abordagem mais racional requerem motivação e adesão a diretrizes clínicas rígidas por parte dos profissionais e conscientização do público em geral.
Sousa et al. ⁹	Pormenorizar as interações medicamentosas entre os fitoterápicos e fármacos convencionais	Revisão narrativa da literatura	Através do desenvolvimento desse estudo foi possível compreender acerca das interações medicamentosas entre fitoterápicos e fármacos convencionais e suas implicações na eficácia medicamentosa com risco de apresentar efeitos como a hipocalemia, hipotensão, hipovolemia e hemorragia.

Autor	Objetivo	Método	Conclusão
Silva et al. ¹⁰	Expor as principais interações entre fármacos e medicamentos fitoterápicos elaborados à base de ginkgo (<i>Ginkgo biloba</i> L.).	Revisão sistemática da literatura	As plantas medicinais e os medicamentos fitoterápicos são caracterizados por uma mistura complexa de componentes químicos e podem apresentar diversos mecanismos de ação, podendo interagir com diversos fármacos, alterando os seus perfis de eficácia e segurança. Em se tratando de <i>Ginkgo biloba</i> há uma maior possibilidade interações, devido a capacidade que esta espécie vegetal apresenta de afetar isoenzimas da família citocromoP450.
Costa et al. ¹¹	Investigar a importância da atenção farmacêutica no uso de plantas medicinais em pacientes portadores de hipertensão arterial sistêmica.	Revisão da literatura	A utilização das plantas medicinais no tratamento da hipertensão arterial sistêmica, quando orientada e acompanhada pelo profissional farmacêutico é bastante segura e eficaz.
Mello et al. ¹²	Expor que fitoterápicos, quando combinados com medicamentos convencionais, podem interferir na eficácia e segurança dos tratamentos.	Revisão da literatura	A educação em saúde é uma ferramenta indispensável para promover o uso racional e seguro dos fitoterápicos, maximizando benefícios e minimizando riscos no contexto da saúde pública e prática clínica.
Satake et al. ¹³	Avaliar interações entre ervas aplicadas na Fitoterapia Chinesa e medicamentos alopáticos.	Revisão da literatura	As interações mais comumente observadas são de natureza farmacocinética, envolvendo enzimas metabolizadoras e proteínas de transporte. As espécies vegetais mais citadas nos artigos são <i>Zingiber officinale</i> , <i>Panax ginseng</i> e <i>Ginkgo biloba</i> .
Lemos et al. ¹⁴	Levantar o consumo de plantas para fins medicinais entre pacientes idosos em tratamento oncológico no Hospital Araújo Jorge (HAJ).	Levantamento de campo com coleta de dados realizada por meio da aplicação de um questionário de pesquisa com questões objetivas e discursivas	O consumo de plantas medicinais é alto entre os pacientes entrevistados e o motivo principal dessa utilização é a busca pela cura do câncer e para amenizar efeitos colaterais do tratamento quimioterápico, pois acreditam no potencial terapêutico das plantas, que, de acordo com os entrevistados, por serem de origem natural não fazem mal à saúde.
Gonçalves et al. ¹⁵	Avaliar o risco associado ao uso de plantas medicinais.	Pesquisa exploratório-descritiva que buscou avaliar o risco associado ao uso de plantas medicinais. Foi realizado um levantamento etnobotânico e etnofarmacológico junto à população da área de abrangência de uma Unidade de Saúde da Família (USF) rural localizada em um município da região Sul do Brasil.	80,65% dos investigados utilizavam plantas medicinais associadas a medicamentos sintéticos de uso contínuo, sem o conhecimento do profissional de saúde. Entre as espécies vegetais identificadas, 58,33% apresentaram riscos, contra-indicações ou toxicidade. Para 35,83% destas espécies, encontram-se relatadas, na literatura científica, potenciais interações com medicamentos de uso contínuo.

Autor	Objetivo	Método	Conclusão
Nicácio et al. ¹⁶	Levantar as potenciais interações envolvendo fitoterápicos e plantas medicinais com medicamentos alopáticos na população de Rondonópolis, MT.	Trata-se de um estudo transversal de base populacional com 370 participantes. Os dados foram coletados em visitas domiciliares com um instrumento estruturado e padronizado. Para identificar as potenciais interações foi utilizada a base de dados Medscape® e a literatura nacional e internacional.	35,40% dos indivíduos informaram consumir plantas medicinais e ou fitoterápicos concomitante a medicamentos alopáticos. A interação entre fitoterápicos e medicamentos alopáticos mais frequentes foi entre <i>Passiflora incarnata</i> e cinarizina e <i>Mentha piperita</i> e sinvastatina.
Shirabayashi et al. ¹⁷	Pesquisar qual a prevalência do uso de plantas medicinais por diabéticos e hipertensos.	Foi realizado um estudo epidemiológico, descritivo e transversal com 300 pacientes atendidos pela Unidade Básica de Saúde (UBS) Ouro Branco, em Umuarama-PR, que responderam a um questionário sociodemográfico e sobre o uso de plantas medicinais.	Foram citadas 27 espécies, mas apenas 7,7% destas eram utilizadas de maneira correta. Concluiu-se que pacientes hipertensos e diabéticos recorrem a plantas medicinais sem o conhecimento da forma correta de preparo e da potencialidade dessas espécies em causar efeitos adversos.
Pedroso et al. ¹⁸	Investigar sobre o uso seguro e racional das plantas medicinais.	Revisão narrativa da literatura	É importante que o usuário, os profissionais de saúde, e os prescritores, tenham conhecimentos sobre a planta, a correta identificação, conservação, modo de preparo e uso, além dos possíveis efeitos colaterais..
Mponda et al. ¹⁹	Investigar o uso e os relatos de RAMs (Reações Adversas Medicamentosas) de fitoterápicos entre PVHIV (Pessoas Vivendo com HIV) nos Hospitais Universitários de Blantyre, Malawi, e Ibadan, na Nigéria.	Foi realizado um estudo transversal com PVHIV atendidas em uma clínica de Terapia Antirretroviral (TARV) no Hospital Central Queen Elizabeth, em Blantyre, Malawi, e no Hospital Universitário, em Ibadan, Nigéria. Um questionário estruturado foi aplicado a 360 e 370 participantes em Blantyre e Ibadan, respectivamente, por meio de entrevistas presenciais, após obtenção do consentimento informado.	A prevalência do uso de fitoterápicos entre PVHIV no Malawi e na Nigéria foi de 80,6% e 55,7%, respectivamente. Os fitoterápicos mais utilizados no Malawi foram <i>Aloe vera</i> (14,0%), <i>Moringa oleífera</i> (14,0%), <i>Zingiber officinale</i> (13,0%) e <i>Allium sativum</i> (7,0%). Da mesma forma, na Nigéria, os medicamentos fitoterápicos mais utilizados foram <i>Zingiber officinale</i> (15,0%), <i>Vernonia amygdalina</i> (14,0%), <i>Moringa oleífera</i> (9,0%) e <i>Allium sativum</i> (11,0%).

Discussão

Sabe-se que as plantas medicinais são utilizadas *in natura* de forma milenar e cultural para tratamento de enfermidades e que, em grande parte dos casos, esse uso se dá através de automedicação sem acompanhamento profissional, pois são de fácil acesso e custo mais acessível à população, ou até por uma crença de que, por vir diretamente da natureza, façam menos mal que os medicamentos alopáticos.¹⁴ Segundo Monte et al⁸, o uso irracional de drogas é um dos

problemas de saúde global mais importante e a situação é pior no domínio dos medicamentos fitoterápicos.

Silva et al.¹⁰ afirmam que no Brasil tem-se a cada dia aumentado o consumo de fitoterápicos devido à divulgação de dados imprecisos de trabalhos científicos, os quais demonstram algum efeito preventivo ou terapêutico dessas plantas medicinais. Essas informações, em conjunto com a medicina popular, geram uma tendência na população de interpretar que formulações medicamentosas com plantas medicinais não são prejudiciais à saúde e nem tóxicas, só por serem provenientes de plantas.

Visando garantir à população brasileira prescrição segura e uso racional da fitoterapia, foi criada em 2006 a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, que apresenta diretrizes para regulamentar desde o cultivo até a produção e comercialização pelas indústrias farmacêuticas.⁸ No Sistema Único de Saúde (SUS), atualmente, são padronizados para prescrição segura 12 fitoterápicos manipulados a partir das seguintes plantas medicinais: alcachofra (*Cynara cardunculus* var. *scolymus*), aroeira (*Schinus terebinthifolia*), babosa (*Aloe vera*), cáscara-sagrada (*Frangula purshiana*), espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia*), garra-do-diabo (*Harpagophytum procumbens*), guaco (*Mikania glomerata*), hortelã (*Mentha spicata*), isoflavona-de-soja (*Glycine max*), tanchagem (*Plantago major*), salgueiro (*Salix*) e unha-de-gato (*Uncaria tomentosa*).⁹ Todavia, Mello et al.¹² ressaltam que essas políticas públicas devem vir acompanhadas de estratégias educacionais que garantam realmente o uso seguro e a eficácia dos tratamentos.

Costa e colaboradores¹¹ afirmam que a maioria dos profissionais não possui capacitação para a fitoterapia, não prescrevendo as plantas e muito menos conhecendo sua posologia, benefícios e contraindicações, além da população não ter educação em saúde o suficiente para perceber a importância de se relatar o uso ao profissional de saúde na anamnese, para evitar reações adversas e complicações graves.

Neste sentido, visando à proteção dos usuários, é fundamental que os profissionais de saúde estabeleçam um protocolo de atendimento que inclua o questionamento sobre o uso concomitante de plantas medicinais com medicamentos sintéticos. Essa prática permitiria orientar sobre os riscos desta associação e sobre como utilizar as plantas medicinais de forma segura, especialmente nos casos de pessoas com doenças crônicas, em tratamento com medicamentos sintéticos de uso contínuo, com idade avançada, gestantes, lactantes e crianças.¹⁵

O uso da fitoterapia é, por vezes, vista com menoridade pelos profissionais de saúde, pois desafia o modelo médico tradicional da prescrição alopática, e esses acabam menosprezando, por exemplo, o fato de que, diferente dos alopáticos, os fitoterápicos podem conter uma combinação de compostos que potencializam seu efeito farmacológico, além de serem uma terapia alternativa em regiões onde há acesso limitado à alopatia.¹²

Necessita-se, porém, de um uso seguro da fitoterapia para que os resultados sejam benéficos, uso esse que caracteriza-se por evitar longas terapias com plantas medicinais; evitar o

uso concomitante com alopáticos; adquirir plantas de fontes seguras, que permitam sua identificação correta; crianças, gestantes e lactantes devem evitar o consumo; e, se forem observadas reações adversas, deve-se buscar ajuda médica.¹⁵

A falta de conhecimento sobre o uso racional dos medicamentos fitoterápicos é o grande desafio da fitoterapia. Neste sentido, em estudo feito em 2020, Nicácio et al¹⁶ entrevistou 370 indivíduos do município de Rondonópolis, no Mato Grosso, e demonstrou que 35,40% dos entrevistados faziam uso concomitante de fitoterápicos com a alopatia, sendo essa prática cada vez mais comum entre pacientes crônicos que buscam terapias complementares para seu tratamento, seja para diminuir a quantidade de medicamentos sintéticos, seja para aumentar seus efeitos em terapias alopáticas que estejam dando resultados abaixo do esperado.

Sabe-se, entretanto, que o uso de alopáticos em conjunto com a fitoterapia pode prejudicar a eficácia de ambos os tratamentos e/ou aumentar o risco de reações adversas. Satake & Endo¹³ afirmam que as interações mais frequentemente observadas entre fitoterápicos e alopáticos são farmacocinéticas, envolvendo enzimas metabolizadoras e proteínas de transporte. Os autores explicam que vários fitoterápicos têm capacidade de modular as enzimas do citocromo P450 (CYP) e a glicoproteína P (P-gp). O CYP é responsável pelo metabolismo de 70 a 80% de todos os medicamentos, enquanto a P-gp atua na excreção dos metabólitos descartados pelas células após a metabolização dos fármacos, e ambos são os principais alvos de interações farmacocinéticas.

Neste sentido, diversos autores apontaram as interações mais comuns percebidas em pacientes que fazem o uso conjunto de medicamentos alopáticos e fitoterápicos. *Ginkgo biloba* e anticoagulantes que, quando combinados, podem aumentar o risco de sangramentos, devido a um efeito sinérgico; Tal risco se dá porque estes medicamentos aumentam a fluidez sanguínea²⁰; *Allium sativum* e antihipertensivos que, quando combinados, podem causar redução exacerbada da pressão arterial, resultando em hipotensão, pois o *Allium sativum* exerce ação inibitória sobre a enzima conversora de angiotensinogênio, causando uma diminuição na pressão arterial²¹; *Hypericum perforatum* e antidepressivos que, quando associados, podem causar a síndrome serotoninérgica, já que a referida espécie vegetal também é utilizada como antidepressiva mediante a inibição da recaptação de neurotransmissores como serotonina, dopamina e norepinefrina, além de possivelmente atuar como inibidora da monoamina oxidase (MAO) em altas doses.²²

Em acréscimo, Sousa et al.⁹ identificaram que os principais fitoterápicos utilizados na prática clínica são alcachofra (*Cynara cardunculus* var. *scolymus*), aroeira (*Schinus terebinthifolia*), babosa (*Aloe vera*) e cáscara-sagrada (*Frangula purshiana*). No que se refere à interação medicamentosa com fitoterápicos, essas espécies vegetais podem apresentar efeitos como a hipocalcemia (no caso da alcachofra associado a diuréticos), ou ainda a hipotensão e hipovolemia. No caso da babosa, pode-se associar o efeito antiplaquetário levando a sangramento

(quando interagindo com o anestésico sevoflurano). Em geral, o uso de fitoterápicos utilizados de forma desregulada, associado ao uso concomitante de medicamentos, pode levar a efeitos como icterícia, alterações bioquímicas, danos hepatocelulares, desenvolvimento de hepatite colestática, dentre outras.

As reações adversas dos fitoterápicos podem ser causadas tanto pela interação com medicamentos sintéticos, quanto pelo uso indevido ou contraindicado em alguns casos. Segundo Gonçalves et al.¹², o efeito adverso mais comum é a reação alérgica, podendo se manifestar como uma dermatite temporária, em casos mais leves, ou até um choque anafilático em casos mais graves. Os autores classificam os efeitos adversos em reações extrínsecas e intrínsecas.

Ainda segundo esses autores, as reações intrínsecas são aquelas relacionadas com a forma de utilização pelo paciente, como em casos de uso de plantas não medicinais por identificação incorreta; doses acima do recomendado; uso em crianças muito pequenas ou idosos de idade muito avançada; uso por gestantes ou lactantes; uso por crônicos com doenças que alteram o metabolismo; uso concomitante com drogas sintéticas e reações alérgicas. Já as reações extrínsecas são aquelas não ocasionadas pela forma de uso, mas sim por falhas no processo de fabricação (como miscelânea e substituições), falta de padronização, contaminação, adulteração, preparação ou estocagem incorreta e/ou rotulagem inadequada.

Por fim, sugere-se que sejam delineados novos estudos a fim de melhor padronizar os fitoterápicos, visto que seu uso é amplo por pacientes que utilizam concomitantemente drogas sintéticas que podem causar interações medicamentosas. É necessário também a propagação de educação em saúde para que a população faça o uso racional, além da capacitação dos profissionais para uso da fitoterapia, pois é mínima a parcela que tem conhecimento sobre o assunto.

Conclusão

Concluiu-se que a fitoterapia é uma tradição cultural e que o uso de plantas medicinais se faz presente em praticamente todas as populações, trazendo inúmeros benefícios se utilizada corretamente, entretanto, sugerem-se mais estudos para padronizar melhor os fitoterápicos, visto que seu uso é amplo por pacientes que utilizam concomitantemente drogas sintéticas que podem causar interações medicamentosas.

Referências

1 Nicácio RAR, Pinto GF, Oliveira FRA, Santos DAS, Mattos M, Goulart LS. Potenciais interações entre medicamentos alopáticos e fitoterápicos/plantas medicinais no Município de Rondonópolis – MT. *Rev. Ciênc. Méd. Biol. Salvador*. 2020;19(3):417-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/cmbio.v19i3.33253>.

- 2 World Health Organization. WHO traditional medicine strategy 2014-2023. *Geneva: World Health Organization*; 2013.
- 3 Ekor M. The growing use of herbal medicines: issues relating to adverse reactions and challenges in monitoring safety. *Front Pharmacol.* 2014;5:177. DOI:10.3389/fphar.2013.00177.
- 4 Ekor M. Herbal medicine and its adverse effects: What the consumer should know. *Health Perspectives.* 2015;12(4):245-50.
- 5 ANVISA. Resolução da Diretoria Colegiada - RDC nº 26, de 13 de maio de 2014. Dispõe sobre o Regulamento Técnico para a execução do processo de registro e revalidação do registro de medicamentos fitoterápicos. *Diário Oficial da União*; 2014.
- 6 Santos JV, Costa K. Fitoterapia no Brasil: aspectos econômicos e ambientais. *Rev Bras Plantas Mediciniais.* 2021;23(2):345-56.
- 7 Mello DC, Silva FJ. O Uso de Fitoterápicos no Tratamento da Ansiedade e Depressão: Revisão Sistemática. *J Psychiatr Res.* 2021;65(3):15-23.
- 8 ANVISA. Resolução da Diretoria Colegiada - RDC nº 18, de 29 de abril de 2020. Dispõe sobre os requisitos para a comercialização de medicamentos fitoterápicos no Brasil. *Diário Oficial da União*; 2020.
- 9 Monte LC, Gomides RR. Uso irracional dos medicamentos fitoterápicos: uma revisão da literatura. *REASE.* 2021;7(10):764-85. DOI: <http://dx.doi.org/doi.org/10.51891/rease.v7i10.2615>.
- 10 Sousa MRM, Mendonça LA. Interações medicamentosas entre fitoterápicos e fármacos convencionais, suas implicações na eficácia medicamentosa: uma revisão narrativa. *Rev FOCO.* 2024;17(11):1-16. DOI: <http://dx.doi.org/10.54751/revistafoco.v17n11-049>.
- 11 Silva AC, Leitão JMSR. Interações medicamentosas associadas a Ginkgo biloba L.: revisão de literatura. *RSD.* 2021;10(6):e13810615535. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i6.15535>.
- 12 Costa GDF, Lima SHP, Andrade PL, Lima LB, Silva GV. A importância da atenção farmacêutica no uso de plantas medicinais em pacientes portadores de hipertensão arterial sistêmica: uma revisão de literatura. *RSD.* 2022;11(15):e582111537790. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i15.37790>.
- 13 Mello AB, Ribeiro JB, Ferreira AF, Mecabo G, Horvath BS. Fitoterápicos combinados a medicamentos de uso contínuo: uma revisão da literatura. *BJIHS.* 2024;6(10):3603-26. DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n10p3603-3626>.
- 14 Satake CTK, Endo EH. Interações entre ervas da Fitoterapia Chinesa e medicamentos: uma breve revisão. *Rev Bras Med Chin.* 2022;12(37):48-58.
- 15 Lemos BP, Silva LL, Silva LB, Júnior LAP, Espírito Santo CAF, Ayres FM et al. A perspectiva do consumo de plantas medicinais por pacientes idosos em tratamento quimioterápico. *SEMINA.* 2023;44(2): 183-98. DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/1679-0367.2023v44n2p183>.
- 16 Gonçalves RN, Gonçalves JRSN, Buffon MCM, Negrelle RRB, Rattmann YD. Plantas medicinais na Atenção Primária à Saúde: riscos, toxicidade e potencial para interação medicamentosa. *Rev. APS.* 2022;25(1):120-53. DOI: <https://doi.org/10.34019/1809-8363.2022.v25.16611>.

- 17 Shirabayashi JB, Amaral EC, Silva GR, Soares AF, Bortoloti DS, Lovato ECW et al. Levantamento e frequência de uso de plantas medicinais por pacientes hipertensos e diabéticos. *Saud Pesq.* 2021;14(2):319-31. DOI: <http://dx.doi.org/10.17765/2176-9206.2021v14n2e8237>.
- 18 Pedroso RS, Andrade G, Pires. Plantas medicinais: uma abordagem sobre o uso seguro e racional. *PHYSIS.* 2021;31(2):e310218. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312021310218>.
- 19 Mponda JS, Muula AS, Choko A, Ajuwon AJ, Moody JO. Consumption and adverse reaction reporting of herbal medicines among people living with HIV at University teaching hospitals in Blantyre, Malawi and Ibadan, Nigeria. *MMJ.* 2024;36(1):13-22. DOI: <https://dx.doi.org/10.4314/mmj.v36i1.3>.
- 20 Alexandre RF, Bagatini F, Simões CMO. Interações entre fármacos e medicamentos fitoterápicos à base de ginkgo ou ginseng. *Rev bras farmacogn.* 2008;18(1):117–26. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-695X2008000100021>
- 21 Santos LS, Costa RS, Borges JMP, Silva DM. Interação entre fitoterápicos e alopáticos anti-hipertensivos na modulação da pressão arterial. *JAFF.* 2023;4(1):76. DOI: <https://doi.org/10.22563/2525-7323.2019.v4.s1.p.76>
- 22 Butterweck V. Mechanism of action of St John's wort in depression : what is known?. *CNS Drugs.* 2003;17(8):539-62. DOI: <https://doi.org/10.2165/00023210-200317080-00001>